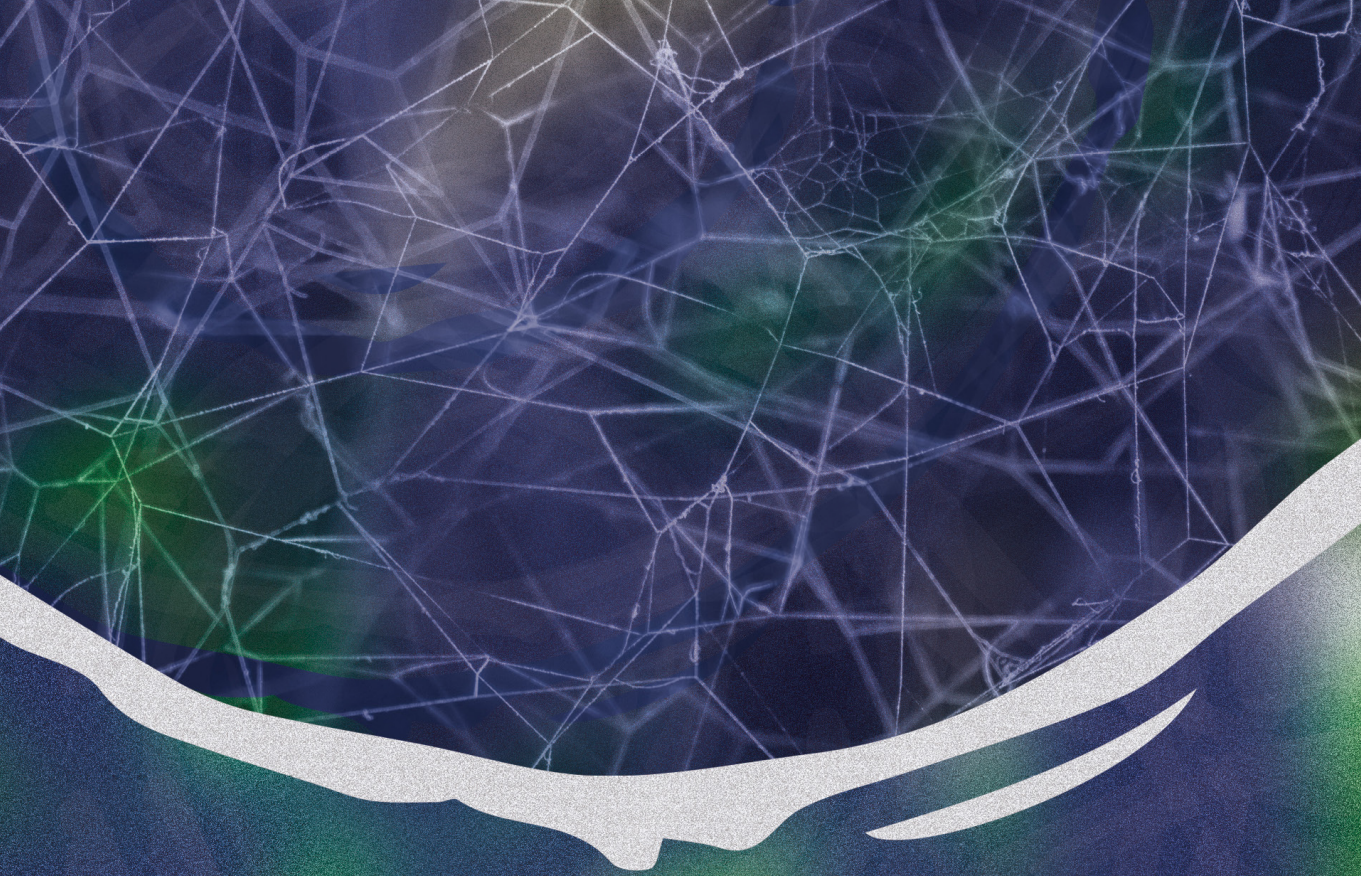


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 3 – Ficções

Tales by light: educação e cultura

Suzane Ferreira Santos

A série *Tales by light* (2015), disponível na Netflix desde 2018, contém três temporadas, em que cada episódio consiste em histórias diferentes, algumas com dois episódios seguidos, que trazem conteúdos relevantes para refletir sobre educação e cultura.

A série trata de diferentes fotógrafos que viajam pelo mundo e registram diversas culturas e modos de viver. Darei ênfase à terceira temporada, especialmente no episódio nomeado como "Crianças carentes", dividido em duas partes. O fotógrafo Simon Lister, responsável por essa jornada, conta que, ao viajar para diferentes lugares do mundo, tirando fotos e conhecendo outros modos de viver, se deparou também com histórias de crianças extremamente pobres e desfavorecidas. Diante disso, Simon decidiu enfatizar seus registros nessas histórias. Em 2016, suas fotos foram reconhecidas pela Unicef (Fundo das Nações Unidas para Infância), que tem como objetivo promover o direito das crianças, ajudar nas necessidades e garantir o desenvolvimento com condições duradouras, e foi estabelecida uma parceria entre o fotógrafo e a organização, para usar suas fotos de modo a conscientizar as pessoas sobre a situação vulnerável dessas crianças carentes.

Na série, os episódios são divididos em duas partes, contam um pouco sobre crianças que gostariam de estar na escola, se formar e ter uma profissão, como uma delas relata, mas, ao contrário disso, estão sendo submetidas ao trabalho árduo em situações inapropriadas por questão de sobrevivência. A primeira parte retrata o encontro de Simon com o embaixador Orlando Bloom, da Unicef. Os dois se deslocam para conhecer a verdadeira situação das crianças de Bangladesh e, logo de início, se deparam com o trabalho escravo infantil em cavernas à procura de pedras valiosas. Simon diz ter acreditado na erradicação do trabalho infantil, mas, ao chegar ao país e se deparar com as condições daquelas que ali trabalhavam, se sente iludido com as políticas públicas que pregam o fim do trabalho infantil em países em desenvolvimento.

Simon começa a mostrar a vida de crianças que trabalham sem parar, em situações de risco. As cidades de Bangladesh estão cada vez menores, e a população está crescendo cada dia mais, isso faz com que a pobreza e o desemprego se espalhem facilmente. Na favela, frente aos trilhos, moram cerca de 10 a 15 mil pessoas, sem saúde sanitária. O lugar é cercado por lixo e esgoto; as pessoas, por vezes, pelo pouco estudo e conhecimento,

não sabem como aquele ambiente pode afetar a saúde. Os trens passam a cada 10 minutos. As crianças brincam, se misturam e eventualmente não escutam o barulho dos trens vindo, e os pais têm de correr para salvarem seus filhos.

Ali na favela, um lugar bem pobre, famílias passando necessidade, sem comida e dinheiro, colocam as crianças para trabalhar. Uma mãe relata, em uma conversa com o fotógrafo: "É triste ver minha filha sair tão cedo para trabalhar, mas em tempos difíceis, é ela que sustenta a casa e cuida da família". Uma criança de mais ou menos sete anos, que diz que gostaria de estar na escola e que, quando crescer, quer se tornar médica, já tem obrigação de trabalhar catando lixo na linha dos trens. São condições facilmente vistas entre as crianças, uma vez que algumas trabalham em um lago de lixo a céu aberto, andando descalças, e têm que tomar cuidado onde pisam, pois um passo mal calculado pode acarretar afogamento.

Na segunda parte, o fotógrafo mostra a situação de crianças que trabalham no porto, carregando bagagens até as balsas sobre suas cabeças. Algumas delas perdem a oportunidade de ganhar o dinheiro do carregamento por serem muito pequenas e não suportarem o peso. Ele mostra também a perspectiva das crianças diante daquela situação, e elas parecem não se incomodar com tamanho esforço, riem e brincam, por já estarem acostumadas. Apesar das leis, as crianças trabalham em lugares bem perigosos. Além das ruas, fábricas de alumínio e balão constantemente "contratam" os serviços infantis, sem nenhuma proteção ou direito de frequentar a escola, e elas são expostas frequentemente ao pó e a acidentes, tentando ganhar o sustento daquele dia.

Por fim, os próprios pais dizem que os filhos não têm tempo para estudar, em decorrência do trabalho. A Unicef compôs o Programa de proteção à criança, em que, em um curto espaço do dia, as crianças vão à sede disponibilizada pelo grupo para aprenderem um pouco sobre escola e educação, um lugar seguro, com comida, risadas e leituras. Sem o projeto, não haveria qualquer tipo de educação escolarizada, 1,4 milhões de crianças passam seus dias trabalhando.

É interessante pontuar a perspectiva de Tim Ingold (2019) diante do olhar dos fotógrafos. Segundo a leitura e a aula exposta pelo professor, pode-se entender um pouco mais sobre o texto, que coloca a pergunta fundamental da Antropologia: "como devemos viver?".

Desde já, adianto que não há um modo certo, cada um vive como se sente bem, geralmente uma vivência ligada à cultura. O autor defende uma Antropologia que, segundo ele, "não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros, mas sim de aplicar esses conhecimentos à vida" (Ingold, 2019, p.13), ou seja, aprender com o diferente, e, para isso, é necessário levar os outros a sério, compreendendo que não é possível querer aprender sobre uma cultura diferente se achar os costumes estranhos e julgá-los errado. É preciso respeitar.

Desse modo, retoma-se a série com um episódio em que um dos fotógrafos diz que eles querem uma visão realista daqueles costumes registrados pelas lentes, sem atrapalhar a população observada com seu envolvimento e trabalho. Diante dessa fala, é considerável destacar esse fato, pois é importante saber que todos têm o direito de discordar de algo,

afinal, cada um tem sua própria opinião formada. Todavia, não se pode presumir que aquele povo pratica seus modos de forma incorreta pelo fato de serem diferentes dos demais.

O trabalho desses fotógrafos é muito interessante. Pode-se arriscar a compará-lo com a etnografia, que estabelece relações, coleta informações e tem uma diferença, o estudo descritivo do que estão presenciando. Já esses fotógrafos, com suas máquinas, aprendem com as informações dadas, ouvem o que aquelas pessoas têm a dizer, participam de seu dia a dia, mas, de modo diferente da escrita, registram os momentos com fotos. Esse trabalho é parecido com o do antropólogo Bronislaw Malinowski, retratado no vídeo *Estranhos no exterior*: fora da varanda (1986). Esse pesquisador realiza seu trabalho etnográfico não somente escrevendo, mas tirando fotos também. Ademais, assim como os fotógrafos, Malinowski diz gostar de realizar essa experiência de modo que sua pessoa naquele ambiente não atrapalhe os comportamentos daquelas pessoas que estão sendo analisadas. Essa concepção de não se intrometer nos procedimentos é útil, pois, além dos relatos e registros já serem vistos de outros olhos, que podem modificar a situação e ser interpretados de outras formas, não seria interessante realizar essa tarefa tão virtuosa, que traz tanto conhecimento tanto para quem está realizando quanto para os telespectadores, com a modificação, também, mediante o achismo.

Outrossim, no relato dos dois últimos episódios da terceira temporada, o fotógrafo traz sua opinião sobre o quanto acha o cenário reproduzido por sua câmera triste e caótico, mostrando sua discordância. No entanto, em nenhum momento ele se coloca no direito de julgar os pais que colocam seus filhos no mundo do trabalho tão cedo e de tirar as crianças daqueles costumes. Costumes esses aos quais, mesmo não seguindo as leis, as crianças e familiares já se adaptaram, realizando-os sem reclamar.

É possível fazer uma leitura dessa história por meio de uma analogia com o texto de Clarice Cohn (2013), que trata da Antropologia que foca seus estudos na criança. O artigo revela o quanto é importante estudar as crianças e suas concepções de infância, que podem ser relatadas e diferenciadas conforme a mudança de lugar, visto que a experiência de infância e o seu valor são diferentes para cada sociedade e até mesmo para cada instituição. É relevante ter em mente que, conforme o tempo foi passando, os conceitos relacionados às crianças foram mudando, até chegar no que temos hoje.

No episódio “Crianças carentes”, é possível presenciar o conceito de infância de Bangladesh, que se revela parecido com o do Brasil. As pessoas apoiam que a criança brinque, se distraia e estude. Mas, diante da situação vivenciada por eles, frente a tanta pobreza, esse conceito acaba sendo esquecido e a criança passa a viver outro tipo de infância, parecida com aquela vivenciada na Revolução Industrial, quando as crianças eram inseridas no mundo do trabalho com mais ou menos sete anos. Se o acontecimento de anos atrás lhes parece triste, imagine o atual, com tantas leis e tantos órgãos que se contrapõem ao trabalho infantil. Ainda existem crianças que são submetidas ao trabalho por falta de opção.

No Brasil, uma reportagem oferecida por diversas emissoras mostra o trabalho infantil de crianças na pesca de sururu em Maceió. Elas trabalham como “despinicadeiras” para ajudar suas famílias, muitas delas chegam até a cortar suas mãos com as garras dos

sururus que elas têm que tirar. A reportagem traz ainda o relato de crianças dizendo que queriam estudar e brincar, mas, se estudarem, passarão fome, afora não terem como bancar uniformes e materiais escolares. Uma delas chega a dizer que sua infância é brincar de quem consegue despinicar mais sururu.

Algumas crianças relatam trabalhar ali para conseguirem dinheiro para comprar seus brinquedos; algumas meninas alegam precisar do serviço para conseguir comprar absorventes e a pobreza menstrual se mostra nesse âmbito. As crianças ganham pouco menos de três reais e, em algumas ocasiões, nem ganham. Essa reportagem mostra uma distinção em relação à leitura de Antonella Tassinari (2015). Nesse texto, a autora relata a situação de uma criança que queria muito um brinquedo, mas, em vez de ganhá-lo, deveria trabalhar cuidando dos porcos, para, ao final do ano, comercializá-los e receber o dinheiro para comprar o que queria, incentivando a criança e mostrando o valor do trabalho. No entanto, nesse caso, todo o trabalho da criança é supervisionado por um adulto e a situação não é de miséria. As duas populações retratadas no artigo não apoiam o trabalho infantil, mas introduzem as crianças nas suas atividades produtivas para que elas desenvolvam progressivamente habilidades e se tornem adultos autônomos e responsáveis. Essa é uma realidade de vida totalmente distinta das situações descritas anteriormente, primeiro porque, pelo fato de as crianças das populações do texto de Tassinari não serem forçadas a trabalhar, serem supervisionadas, terem trabalhos leves e não passarem necessidades, esse incentivo acaba por virar diversão; segundo pelo fato de que os pais indígenas e agricultores apoiam a educação escolar e os filhos a frequentam. Inclusive, traz-se à leitura um pequeno trecho do texto que diz que, segundo as famílias, o modelo agrícola no qual as crianças atuam vem sendo ameaçado pelas políticas públicas de erradicação do trabalho infantil, na medida em que essas políticas e os atores responsáveis por sua fiscalização tratam as dinâmicas de ensino e aprendizagem "relacionados à participação das crianças nas atividades produtivas, como danosos às crianças e que devem ser evitados mediante a presença na escola em tempo integral" (Tassinari, 2015, p. 146).

Essas políticas, portanto, se contrapõem à cultura desses povos, tentando acabar com os costumes deles – que, em momento algum, colocam as crianças em risco ou as obrigam a trabalhar para terem o que comer. Já em cidades em que não se tem tanta importância financeira, por serem pouco desenvolvidas ou pobres, o silêncio ensurdecedor incomoda. Em nenhuma circunstância é visto algum modo de governo tentando erradicar o trabalho infantil ou esquemas escravistas que deveriam ser desarticulados, poupando milhares de crianças do sofrimento e da perda de suas infâncias em lugares inapropriados para suas idades. A falta de afetividade dos órgãos políticos afeta extremamente a vida dessa parte da sociedade, na qual o papel do governo seria de tentar ao menos suprir a necessidade dessas famílias.

Um exemplo é a reportagem do trabalho infantil relacionado aos sururus, que mostra que o prefeito da cidade roubou milhões do dinheiro que deveria ser destinado à melhoria da população. Ademais, mostra crianças que sabem que deveriam e que querem estudar, mas se veem presas na situação pela qual passam. A educação transforma vidas. Se houvesse um apoio escolar, talvez as crianças de Maceió e de Bangladesh não estivessem tão desamparadas

e expostas ao perigo, além de que saberiam um pouco mais sobre seus direitos e não se deixariam enganar pelas fábricas que pagam tão pouco e conservam um trabalho escravo.

A população de crianças carentes citadas realça, de certo modo, o quanto a falta do apoio familiar e escolar pode ser prejudicial à vida do ser humano. Sem motivação e conhecimento, a história de seus pais e familiares se repete naqueles seres tão pequenos, dentre os quais poucos conseguirão sair da situação de vulnerabilidade em que estão alocados. Mesmo com a escola tendo um conceito de infância hierarquizado, a vivência dessas crianças no ambiente escolar seria mais saudável.

É imprescindível citar como o estudo da Antropologia é importante em situações como essas. Como dito no artigo de Cohn (2013) sobre a Antropologia da Criança, poucos etnólogos se dedicam ao estudo das crianças, mas os que se dedicam podem fazer a diferença na vida de populações como as citadas no texto. Dessa maneira, quanto mais pessoas estiverem trabalhando no campo relacionado a crianças, principalmente as que estão em situações prejudiciais à vida, mais atenção vai ser dada a elas, tanto pelos leitores das matérias quanto pelas instituições responsáveis por ajudarem a melhorar essas vidas.

Depois, há também a Antropologia da Educação, que desperta o interesse pela diversidade. A Antropologia estuda o homem, suas culturas e suas alterações. Unindo-se à Educação, traz o saber das diferentes formas de educar que podem desenvolver melhorias na educação dessas crianças, oferecendo a possibilidade de um avanço no conhecimento e aprendizado delas. Dessa forma, a Antropologia, por estudar em conjunto os costumes, pode ter grande contribuição na vida dessas pessoas em conjunto com a Educação, pois, além de chamarem atenção para as políticas públicas, podem fazer com que essas crianças tenham um destino diferente.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO